

O espaço da palavra dita

Cecília Teixeira, UnB.

A realidade é estruturada de modo distinto por cada sujeito. O modo como ele vai se colocar e se constituir em torno dela traça as manifestações de sua subjetividade. A subjetividade humana é movida por conflitos intra e inter-relacionais que designam a divisão do sujeito.

Freud relata que no narcisismo, neurótico, há a tentativa de desistência da realidade. Essa desistência falha, já que por meio da fantasia, permanece o laço entre os objetos externos e objetos sexuais. Sendo que, a fantasia substituiria objetos imaginários por objetos reais ou os fusionaria. Como há, então, uma introversão desse objeto real, diminui-se a iniciativa de buscá-lo no mundo externo. Essa é uma condição da libido que Freud denomina 'introversão da libido'. Essa libido que se volta para o ego, em um afastamento do mundo externo é o narcisismo. Do ego se dá a catexia original que posteriormente é investida a objetos externos e podem novamente serem retiradas destes e retornar ao ego. Quanto mais a libido se volta para o ego, menos ela se torna libido objetal e vice-versa. Há, dessa forma, uma clivagem entre o sujeito e o objeto. Freud nos aponta o apaixonamento como um excesso de libido objetal em discordância com a libido que se volta para o ego. Quando isso ocorre, parece que o indivíduo desiste de si mesmo a favor de todo seu investimento no escolhido objeto de amor. Em vertente contrária, ao ser acometido por grande sofrimento causado por uma enfermidade, o sujeito se volta para o ego, e expressa uma indiferença com o que lhe é externo à sua própria dor. Freud nos acrescenta que qualquer parte do corpo que ganhe maior erogenicidade altera a libido do ego, que se volta para aquela parte específica. Com tudo isso, vai afirmar a importância de se amar para não adoecer. A libido no amor se direcionaria a seus objetos e assim as experiências de satisfação não dependeriam somente do ego, levando o sujeito ao adoecimento..

Os tipos de escolha do objeto amoroso, pode ser influenciada pelos primeiros objetos de satisfação da criança que são aqueles que ocupam a função de cuidado para com ela, nesse caso haveria a valorização acentuada do objeto sexual. A busca é pelo mesmo tipo de satisfação que se experimentou com essas figuras parentais na infância, ou seja, as primeiras experiências de satisfação conseguidas ainda com o investimento narcísico dos pais direcionado ao filho. Há, assim, um movimento regressivo para satisfazer a pulsão. O

ideal que se busca obter é aquela passada plenitude narcísica da infância em que tudo estava a ela direcionado. Outra escolha seria a dos que preferem ser amados, ou que têm uma tendência narcisista, e suas escolhas se baseariam no que elas mesmas são, foram, gostariam de ser ou de alguém que já foi alguma vez parte delas. A primeira é denominada por Freud como tipo anaclítico de escolha e a segunda como escolha narcísica. No entanto, os dois tipos podem ser feitas pelo mesmo indivíduo, embora possa haver preferência por um deles. Freud enfatiza, conquanto, que libido objetal e libido do ego não são diferenciadas em um amor feliz. A libido não deve assim, estar nem tão voltada ao ego nem tão para o objeto.

Essa idéia de que havia um objeto que lhe satisfazia plenamente, no entanto, é uma idéia mítica, esse objeto nunca será alcançado, é como se estivesse desde sempre perdido, por isso a satisfação da pulsão será sempre parcial, já que ela encontrará apenas objetos substitutos. A pulsão se esbarra sempre em uma falta fundamental.

Muitas vezes a escolha do objeto amoroso vem para suprir o que idealmente falta ao ego. Isso seria uma solução para o ideal de completude, somente se não trouxesse uma relação de “dependência mutiladora” (pág.119 – Sobre o narcisismo). Haverá, então, sempre uma fenda que perpassa a relação amorosa e é impossível de se desfazer, seria essa “falta”. Um exercício interminável será feito pelo sujeito para suprir essa falta, mas serão sempre construções inacabadas.

Tudo isso vem acompanhado de uma força constante denominada pulsão, que vem de dentro do organismo, com uma necessidade de satisfação e, portanto, exige um trabalho psíquico de ligação e associação para que seja representado no aparelho psíquico. O princípio da constância seria o que ordena essa excitação de forma que a quantidade desta sob o aparelho psíquico se faça o mínimo possível ou mantenha-se constante. E o princípio do prazer aquele em que há a satisfação sem ser seguida de desprazer, ou seja, evitando-o ou mesmo com a realização, seguida de prazer. O princípio do prazer se dá com o princípio da constância. É essa reordenação pulsional que trará um trabalho de criação, por meio da simbolização. Essas criações serão as formas de subjetivação.

O alcance da finalidade da pulsão se faz, assim, por meio de um investimento da libido, isto é, da energia pulsional, no objeto, o qual é algo bastante variável. O objeto pode ser parte do próprio corpo, ou uma coisa, ou um outro indivíduo. No entanto a escolha não

é a de um objeto qualquer, são objetos causa de desejo, denominados por Lacan de 'objetos a'. Esses objetos são imaginariamente objetos que já fizeram parte de nossa totalidade. São objetos perdidos e jamais achados que guardam uma libido arcaica. Um mesmo objeto pode servir para satisfação de distintas pulsões, o que leva a uma fixação a um determinado objeto e a um determinado fim. A escolha objetual guarda uma promessa, como se fosse o caminho para a satisfação pulsional. A aspiração desse objeto é movimentada pelo desejo, que é fruto da falta, de um vazio que move o sujeito sempre para alguma outra coisa. Não há objeto que paralise o desejo, porque este é inominável, irrepresentável, por isso se torna um enigma. É isso que fundamenta o sujeito, já que não há significante possível para cercá-lo em uma única identificação. O ser do sujeito é marcado por sua falta a ser, e isso lhe permite múltiplas identificações e descamações. O sujeito é suposto ser algo, são semblantes de ser.

Outro caminho proposto para a pulsão seria a reversão, observa-se uma alteração na finalidade que pode se modificar de ativo para passivo, como, por exemplo, amar e ser amado. Este, passivo, coincide com o retorno ao próprio eu, ou ainda, à organização narcisista. Sendo a reversão do amor em ódio uma reversão do conteúdo. No entanto, mesmo com a reversão, os dois lados coexistem, sendo que em diferentes momentos do desenvolvimento da pulsão, cada um desses lados pode se evidenciar. Isso aponta para a ambivalência da pulsão. Cada figura pode sempre se tornar o seu contrário.

Freud afirma, então, que além da antítese amar-odiar, sendo amar a relação de prazer que se alcança entre o ego e o objeto, e o ódio o desprazer que advém do objeto, há ainda, a antítese amar e ser amado e amor-ódio em contrário à indiferença. Concomitantemente a vida psíquica se ordenaria pelas seguintes polaridades: sujeito-objeto, prazer-desprazer, ativo-passivo.

O ego, que está em sintonia tanto com a realidade interior como com a exterior, tenta introjetar, para fazer parte de si, os objetos que são a ele fontes de prazer e projetar para o mundo externo o que, internamente, lhe causa desprazer. São esses, respectivamente, o mecanismo de introjeção, também descrito como fase de incorporação ou devoramento e projeção.

O ódio em relação aos objetos viriam da frustração que estes prestam ao ego com relação às satisfações sexuais e necessidades de autopreservação. Freud nos retém a

atenção, quando demonstra a possibilidade de quase indistinção do amor e do ódio, evidenciando a ambivalência do amor, como na fase pré-genital denominada sádico-anal, em que a forma de satisfação pode se dar pela dominação do objeto por mais que isso cause dano ou aniquilamento a este. E, na fase oral o domínio do objeto coincide com sua devoração. A organização da libido aponta assim para um componente sádico. Já quando essa libido regride para o próprio ego, seria uma concepção do masoquismo.

O prazer da satisfação em uma instância psíquica, no entanto, pode se transformar em desprazer em outra. O prazer pela satisfação pulsional pode ser reconhecida como desprazer pelo consciente. O recalque assim atua na tentativa de manter o representante pulsional que causa desprazer à consciência afastado desta. Esse movimento de recalque é também inconsciente. Mas o recalque vai fazer uma pressão sob o ego para que possa se manifestar.

O primeiro impedimento que o representante psíquico adentre ao consciente, é chamado de recalque primevo ou primário. O representante psíquico, nesse caso, se mantém atrelado à pulsão que lhe deu origem graças a mecanismos inconscientes, o que faz com que se estabeleça uma fixação. O recalque propriamente dito são associações ou idéias que se ligam de alguma forma àquela fixação, e que recebem o mesmo destino destas. Esses seriam os derivados do representante original. Inclusive porque é como se o material do recalque primevo exercesse uma atração sob qualquer material ao qual ele possa se associar, então ele recebe aquilo que o consciente repele.

Por tudo isso, para fugir do irreconciliável consciente e por ter sofrido a frustração de sua satisfação, o representante pulsional vai alterar sua forma de expressão, agindo incessantemente no inconsciente através de seus processos de deslocamento e condensação, para se apresentar ao consciente sob o aspecto distorcido. Com isso, ele vai construindo elos e diversos derivados são, associativamente, inseridos a ele de forma que este pareça cada vez mais distante daquele representante originalmente reprimido e pode assim ter acesso, por esse percurso indireto, à consciência. Portanto esse material distorcido, não negada a sua entrada, pode agora lhe conceder prazer. Assim, aquilo que era inconsciente sofre uma transformação para alcançar o consciente. Observa-se que a própria pulsão não alcança o consciente ou o inconsciente a não ser pelo seu representante ou pelo afeto que a ela é acompanhado. Representante e afeto se desvinculam quando ocorre o recalque, sendo

que o afeto só retorna quando se liga a outro representante na consciência. Os representantes esvaziados de afetos acessam a consciência livremente por serem considerados inofensivos, por estarem enfraquecidos de energia psíquica. E ainda se forem muito carregados podem de forma brusca irromper à consciência, como se de tanta força, passassem por cima de toda defesa, alcançando a descarga.

O recalque sempre luta a favor de um afastamento da libido sexual ou do seu investimento, ou seja, impede o sujeito de satisfazer as exigências pulsionais de forma imediata e direta. Se o consciente não dá vazão a um investimento libidinal inconsciente, este pode sofrer um acúmulo de excitações e ser descarregado sob forma de angústia. A angústia ocorre quando há um fracasso da representação ou um esvaziamento de sentido. Mas se ele se ativer a uma idéia substitutiva, que é a capacidade de metaforização do sujeito, poderá haver a passagem para o consciente, apaziguando a angústia.

Freud explica que uma idéia pode receber o investimento de outra idéia pelo processo de deslocamento, ou ainda, uma idéia pode condensar o investimento de várias outras. A negação e a incerteza quanto ao conteúdo só aparece entre o inconsciente e o pré-consciente. Outra característica do sistema inconsciente é que ele se regula pelo princípio do prazer, considerando assim uma realidade psíquica e um tempo psíquico que não se regem pelo princípio da realidade. O trabalho do ego é tentar substituir o princípio do prazer pelo princípio da realidade, sofrendo assim influência direta do mundo externo. O prazer antes obtido de forma imediata é adiado, sendo a descarga ajustada à realidade.

Isso exige um contínuo trabalho, dando seguimento pelo processo de deslocamento em uma tarefa de ligação que vai determinar destinos possíveis para a pulsão, inscrevendo-a no registro da simbolização, mas não toda. Há sempre um resto que escapou à simbolização, que é o que Lacan chama de real do gozo, o que não foi, nem é barrado, e o que mantém a inquietude da pulsão.

A força do recalque é proporcional ao tanto de energia que deverá ser executada para que ele se mantenha. Sendo que quanto maior a presença de descarga mais bem sucedido será o recalque.

No sistema inconsciente, representantes pulsionais são investidos com diferentes graus de força, sendo que há alguns que carregam, aparentemente, uma contradição entre si por terem finalidades que parecem incompatíveis, conciliam-se e se tornam ativos para

alcançarem seus objetivos, ou seja, descarregarem seus investimentos carregados de desejo. A energia no inconsciente é móvel, por isso desloca-se ou condensa-se sem inibição. Vale lembrar que o investimento objetal, por mais que ele tenha sido acometido pelo recalque, persiste no inconsciente. No entanto os investimentos objetais podem ser abandonados ou substituídos regredindo ao próprio ego. Um investimento objetal é, dessa maneira, substituído por uma identificação a ele. Diferentes identificações, portanto, vão constituindo o 'caráter' do ego. Aqui se aponta para um horizonte intersubjetivo já que a constituição do Eu se dá a partir do Outro. Com isso, pode-se dizer que o efeito das primeiras identificações, que advêm da infância, são mais fortes, já que dão origem ao ideal do ego. Na verdade, este vem para barrar a realização edipiana, constituindo uma identificação paterna ou materna, que vem conjuntamente com a formação do superego. O superego ou supereu, que possui os representantes de autoridades que o inibiram no decorrer do desenvolvimento do indivíduo, construindo uma moral 'civilizadora' é uma extensão do id inconsciente e por isso, muitas vezes se apresenta de forma que o ego não o reconhece.

A criança se identificaria com a figura paternal do sexo oposto, no complexo de Édipo positivo, quando o pai, portador da lei, é percebido como obstáculo aos desejos direcionados à mãe. A figura materna é um grande Outro por ser a primeira que satisfaz as necessidades do bebê. Entrementes, a criança percebe um dia que o desejo da mãe está direcionado ao pai. Dessa forma há uma atitude ambivalente com relação a ele, de hostilidade e afetuosidade ou admiração. Antes mãe e bebê eram um só corpo, o bebê não tinha a noção de dentro e fora, ou o que era seu ou do outro. Percebe, com a interdição feita pelo pai, que não é o único objeto de desejo da mãe, eles não se completam, são um e outro, e que ele, por isso, também deve dispor de outros objetos de investimento. A falta do Outro a faz reconhecer sua própria falta. O reconhecimento de sua incompletude é como se tivesse perdido parte de seu próprio corpo e de que ela não, é, então, o único objeto de satisfação da mãe, esta demanda uma outra coisa, isso marca a experiência de castração. Daí a enigmática demanda do Outro. Há, assim, um sacrifício do gozo nessa separação do filho com quem exerce essa função materna, perda que faz emergir o desejo. Este aparece, então, no lugar de algo que escapa que é o enigma do que satisfaz o Outro. A função paterna entra como uma lei que quebra essa posição da criança como objeto a serviço da

satisfação da demanda da mãe. A lei barra o Outro materno em sua vivência absoluta com o filho. A lei traz então o desejo, mas o define em sua impossibilidade. Por isso o desejo se representa de forma metafórica como no sintoma ou de forma metonímica, sempre se deslocando a alguma outra coisa. Em busca do que falta, à qual Lacan nos remete como significante fálico.

Freud nos adverte, ainda, que há disposição bissexual em ambos os sexos, sendo possível um desfecho para determinada posição, marcando uma diferença sexual e de geração, com a passagem pelo complexo de Édipo. A bissexualidade é, sem dúvida, originalmente presente, sendo que as escolhas objetais e identificações são perpassadas por essa origem. Em decorrência da identidade ser marcada pelo Édipo, ela determina o tipo e escolha de objeto, e é assim, movida pela ambivalência, como por exemplo, de afetos de admiração e de temor, de afetuosidade e de hostilidade. Freud nos dá exemplo a esse respeito:

“No caso da origem da homossexualidade, e também dos sentimentos sociais dessexualizados, a investigação analítica apenas recentemente nos ensinou a reconhecer que estão presentes sentimentos violentos de rivalidade que levam a inclinações agressivas, sendo que apenas após estes terem sido superados, o objeto anteriormente odiado se torna amado ou dá origem a uma identificação.”.(pág.59,1923,o ego e o id)

A atitude hostil, graças à energia móvel do inconsciente ou do id a serviço do princípio do prazer se transforma, ou é substituída, por uma atitude amorosa, já que assim é mais possível de se fazer realizar por meio da descarga. Essa é a natureza plástica da pulsão erótica, que se articula em um jogo de reflexos e distorções, para que alcance a descarga. A pulsão, assim, exige um trabalho do psiquismo para que ela se realize, não sendo curto-circuitada. Por isso, há a possibilidade de oscilação e transferência da pulsão erótica de um objeto a outro. A maneira, incessantemente inventada, que o psiquismo lida com essa exigência pulsional, são as construções psíquicas, as escolhas de objeto e vai ser o estilo de cada um, determinando diferentes posições subjetivas.

De uma determinada posição subjetiva o sujeito vai compor o seu discurso que se faz de maneira parcial, pois há um limite do dizível, dividido pela enunciação e pelo enunciado, já que é marcado pela influência tanto do inconsciente como do consciente e ainda tanto pela interferência tanto da pulsão de vida como da pulsão de morte. Esta visaria a inércia, fora do estado de tensão que almeja o retorno ao estado inorgânico, já a pulsão de vida, constituída pelas pulsões sexuais e de auto conservação, atuaria em um trabalho de reestruturar ou restaurar, reaglutinando o que a pulsão de morte desune e desintegra. Assim, enquanto a pulsão de vida une e integra, a pulsão de morte ameaça aniquilar o simbólico e subjetivo. Toda conduta, graças à divisão subjetiva, guarda o seu oposto, são articulações de dois pólos, como pulsão de vida, que tende à aliança, e pulsão de morte, que tende à destrutividade.

O que marca esse limite do dizível é, então, o irrepresentável, como a morte. A subjetividade, assim, se constitui em torno de um vazio que não se inscreve simbolicamente, como se estivesse aquém ou além da linguagem. No entanto há o constante afazer na tentativa de tornar representável o irrepresentável, o que dará a forma como se emoldura esse irrepresentável. Este, por mais que seja impossível, demanda ser representado, o que sugere o caráter repetitivo da pulsão de morte. O representável bordeja esse vazio, que ameaça transbordar e invadir o psiquismo, apontando para sua precariedade simbólica, aquilo que ele não deu conta de representar. A dor é um exemplo que pode fazer, quando em excesso, quebrar a integridade psíquica. Há, assim, um espaço entre a pulsão e a simbolização, que a linguagem, a escrita, a arte, as criações subjetivas, procuram tamponar em um particular dinamismo psíquico.

O supereu é a instância psíquica que vai julgar se o eu está de acordo com aquilo que ele julga ser o ideal (ideal do eu), que restituiria a impossível onipotência infantil e o que garantiria o amor do Outro. Nessa tentativa, jamais alcançada, de transcender esse hiato, deixado por uma perda de origem infantil, e na projeção de uma ilusão de plenitude narcísica, há um arranjo da relação do sujeito com o outro. Nessa relação busca-se reparar a falta que é comum a ambos. O supereu empurra o sujeito em uma busca impossível de se realizar, e com isso, há o incessante trabalho de negativa dessa falta, já que o buraco deixado pela castração é da ordem do insuportável. Isso que não cessa é a própria compulsão à repetição, que está para além do princípio do prazer. Daí

pode haver a idealização do objeto e a identificação com este. O ideal do sujeito é, assim, projetado no outro para que se tornem Um, o que sugere a dimensão alienante do estado amoroso, já que há uma exigência de apagamento da alteridade. Essa tentativa de totalidade e completude faz com que essa relação seja mediada por uma experiência de criação, com uma formação fantasística e ficcional que a preenche. A fantasia afigura o outro na forma como o desejo se faria realizar nele. A realização do desejo se faz, então, pela fantasia, e passa por processos defensivos por ser um desejo inconsciente. A fantasia vem tamponar a falta que o desejo testemunha. No entanto, a diferença pode advir, evidenciando esse caráter ficcional, e então esse outro familiar torna-se estranho e assustador, como afirma Freud sobre 'unheimlich', o estranho. Algo veio como acréscimo nesse objeto que o tornou estranho, como se isso estivesse oculto e devesse assim permanecer, mas emergiu e trouxe algo à luz o que o sujeito não sabe como abordar, sua diferença que o remete à experiência de castração. Aquilo que se mantinha afastado do reconhecimento do sujeito, através da negativa, da reversão pelo seu oposto, ou seja, por um trabalho do recalque, retorna, e com seu próprio fantasma, o sujeito leva um susto, porque não foi previsto o seu retorno e porque aponta para sua ambivalência. A especularidade com o outro idealizado se desintegra e com isso, sua integridade narcísica. A pulsão que se realizava em tal objeto escolhido não mais se direciona a ele, é, então, rompido um circuito de repetição. Aquela homogeneidade narcísica, que levava a uma repetição, para reconhecimento do outro como 'o mesmo' é quebrada e o sujeito não sabe como amparar subjetivamente isso que lhe atravessou, no momento em que o outro lhe aparece efetivamente como diferença. Aqui pode advir o ódio em uma trama de amor, com a irrupção da pulsão de morte o que se contrapõe com a pulsão de vida que busca restaurar o objeto idealizado e direciona a pulsão à compulsão a repetição do circuito antes realizado. O sujeito pode, para não permanecer no abismo do desamparo, ou, na ausência de subjetividade, continuamente tentar recompor o objeto amoroso para que ele se restabeleça como o mesmo idealizado e mantenha-se assim invariavelmente belo.

A pulsão de morte vem para apontar o engano do sujeito, de que não há relação que leve à complementaridade, por isso o desejo é indomável, sempre vai reconectar o sujeito à noção de objeto perdido, que o sujeito supõe ter existido, vindo de uma

experiência fictícia de um Outro que o complementava. Esse engano traz o duplo do sujeito, sua alteridade, sua não interinidade, sua divisão, sua fenda, que não se tampona. Esse Outro é um fantasma que o atravessa e fala dentro dele, é a quem o sujeito se dirige. Há um apelo ao Outro, esse que fala de um outro lugar, fictício, insubstanciável, inconsciente, o grande provedor e, sede das pulsões. É a este que se demanda uma satisfação plena, um dia alcançada. O que faria esse Outro calar, que silencie a sua demanda é o que articula a fantasia do sujeito naquilo que poderia preenchê-lo. Nas relações amorosas isso aparece na tentativa de suprir a demanda de amor, que sempre se renova, já que o outro reage movido por seu vetor, o desejo. Como o sujeito vai se posicionar diante desse desejo e da demanda do outro e do Outro é o que vai fundamentar a estética de sua existência envolta em sua primitividade e em seu desdobramento em torno de sua falta a ser. Nesse ínterim, o homem se torna um “grande sonhador de fechaduras, encerra ou dissimula seus segredos”. (Bachelard,pág.87)

Referência Bibliográfica:

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud : v.XIX: O ego e o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud : v.XVII: História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud : v.XVIII: Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. Rio de Janeiro: J. Zahar,2000.